

RELIGIÃO, EDUCAÇÃO E MARCIALIDADE NA FORMAÇÃO HISTÓRICA DO KUNG FU: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE UM CAMPO DE PESQUISAS RECENTE NO BRASIL

RELIGION, EDUCATION AND TRAINING IN THE MARTIAL ARTS IN THE KUNG FU HISTORY: SOME NOTES ON ABOUT A RECENT FIELD RESEARCH IN BRAZIL

Matheus da Cruz e Zica
Universidade Federal da Paraíba

Resumo: O artigo está dividido em quatro partes. Na primeira, e na última, tecemos considerações sobre a recente entrada do Kung Fu nos meios acadêmicos brasileiros; sobre alguns argumentos e temas presentes nesses trabalhos; e, ao final, listamos alguns pontos que consideramos importante serem levados em conta, nas pesquisas futuras, sobre a temática em questão. Já nas duas partes intermediárias do artigo, procuramos reforçar certos aspectos já levantados nos trabalhos acadêmicos brasileiros, produzidos na última década, acrescentando, sempre que possível, novidades presentes em bibliografias ainda pouco consultadas em nosso país até o presente momento. Um dos temas tratados historicamente foi a relação entre a prática do Kung Fu e a tradição budista do mosteiro Shaolin. Esse procedimento se justifica pelo fato de que a maioria dos estilos de Kung Fu em voga continua procurando associar suas origens àquele mosteiro. Dentro dos limites desse texto, nos esforçamos também por traçar, em linhas gerais, as histórias diversas das diferentes práticas que foram se associando ao cultivo das habilidades marciais na China ao longo dos séculos. Essa diversidade ainda não foi trabalhada de forma contundente em nossa recente produção, o que torna relevante tal abordagem nessa ocasião.

Palavras-chave: Kung Fu, Budismo, Taoismo, Educação, Marcialidade

Abstract: The article is divided into four parts. At the first and last parts, it discusses about the recent entry of Kung Fu in Brazilian's academic research. Also analyses some arguments and themes present in these new works. In the end we list some points that we consider important to be taken into account in future research, on the topic in question. In the other hand, the two intermediate parts of the article, sought to strength certain aspects already raised in the Brazilian's academic works produced in the last decade, adding some new information present in foreign researches poorly consulted in this country so far. One topic discussed was the relationship between the practice of Kung Fu and Buddhist tradition at Shaolin monastery. This procedure is justified by the fact that most styles of Kung Fu in vogue nowadays continues trying to associate their origins to that monastery. Within the limits of this paper, it approaches also the histories of several different practices that were been joined to the cultivation of martial skills in China during the centuries. This diversity has not yet been studied in depth at our recent production, which makes this approach relevant at this time.

Keywords: Kung Fu, Buddhism, Taoism, Education, Martiality

1. A emergência do Kung Fu como tema acadêmico novo no Brasil

A década passada foi marcada por alguns esforços pioneiros no sentido de contornar a falta de informações acadêmicas sobre a história do Kung Fu no contexto brasileiro. No início do séc. XXI, em artigo que aborda as representações

femininas associadas ao Kung Fu, Apolloni (2004b, p.75) afirmava que os trabalhos acadêmicos sobre essa arte marcial chinesa eram “praticamente inexistentes em nosso país”. Quatro anos depois, o mesmo Apolloni, em coautoria com Aguiar, publicou um artigo introdutório sobre as polêmicas historiográficas em torno das relações

entre budismo e marcialidade no mosteiro Shaolin¹, que ainda se justificava pelo argumento da falta de estudos sobre o Kung Fu no Brasil:

Este ensaio não pretende ser a reunião de dados de uma pesquisa empírica vasta e elucidativa. Antes, porém, pretendemos, aqui, suprir uma **carência**, atender a uma demanda imediata e premente. Considerando o papel essencial desempenhado pela arte marcial na sociedade chinesa clássica, constatando a ausência de um resumo introdutório que transportasse uma notícia da historiografia que aborda o tema, bem como, a **lacuna** didática nos cursos de graduação em história, pretendemos escrever uma introdução ao estudo de alguns aspectos essenciais da sociedade chinesa a partir do Wu Shu.

(Aguiar & Apolloni, 2008, p.263; ênfase adicionada)

O mesmo argumento reaparece, de forma idêntica, em Aguiar (2009, p.601). Já Frosi, Maidana & Mazo (2011, p.389) reiteram a afirmação feita por Apolloni, em 2004, de que o conhecimento da história do Kung Fu no Brasil tem origem, “na maioria dos casos, em conhecimentos deduzidos pelos praticantes oriundos de informações vindas do cinema e da literatura, sem embasamento sólido.”

Alguns pesquisadores brasileiros, como os citados acima, demonstraram empenho, ao longo da última década, em trazer informações importantes antes disponíveis apenas em inglês. Essa divulgação se deu tanto por meio de citações e referências estrangeiras nos artigos escritos em português, quanto pelo esforço de tradução de alguns desses textos publicados em outras línguas.

¹ Como esclarecem os autores do artigo: “O mosteiro budista de Shaolin, [foi] fundado nos últimos decênios do quinto século depois de Cristo (a historiografia chinesa reconhece o ano de 495 como sendo o “oficial” de fundação) nos montes Song, na província de Henan [China]” (Aguiar & Apolloni, 2008, p.262).

A maior parte dos estudos sobre o Kung Fu produzidos nos últimos dez anos no Brasil versa sobre o influente estilo denominado *Shaolin do Norte*², na esteira da pioneira e bem embasada dissertação de mestrado realizada por Apolloni (2004a), intitulada: *Shaolin à brasileira: estudo sobre a presença e a transformação de elementos religiosos orientais no kung fu praticado no Brasil*. O estilo atualmente é um dos mais bem consolidados no território nacional, já que se faz presente na maioria dos estados da federação brasileira. A eficiente organização administrativa desse estilo, fator determinante para sua presença em tantos lugares, passou a contar também com o apoio de uma organização simbólica no país, após esses estudos acadêmicos o terem adotado como alvo de suas preocupações. Os estudos podem contribuir para uma escolha e uma prática mais consciente por parte dos adeptos ou dos interessados em treinar o estilo *Shaolin do Norte*.

Podemos acrescentar ainda que as abordagens sobre o Kung Fu no Brasil, até o momento, parecem se concentrar no âmbito de campos acadêmicos determinados, como os da História, Ciência das Religiões e Educação Física.

Ao que parece estamos entrando em um novo momento da produção a respeito do tema em nosso país. A tradução da *Breve História do Kung Fu*, de Acevedo, Gutiérrez & Cheung (2011 [2010]), para o português, renova o alento dos interessados na temática. Os autores desse livro não só retomam algumas

² Há uma tradição estabelecida no meio dos praticantes de Kung Fu de separar os estilos pela região geográfica de sua origem na China. Os do norte privilegiariam movimentos longos e o uso de pernas, enquanto os do sul focariam os golpes curtos e uso das mãos. Estudos históricos realizados por Stanley Henning (1998) têm demonstrado, no entanto, que essas categorizações focadas apenas na geografia acabam sendo bastante insuficientes para explicar as diferenças entre os estilos.

bibliografias disponíveis na língua inglesa que já circulavam em artigos brasileiros, como também acrescentam muitas outras não menos importantes e, vale salientar, trazem com maior frequência estudos de pesquisadores da própria tradição oriental, fator que pode ser um estímulo para o estabelecimento de contatos diretos dos brasileiros com os chineses e taiwaneses. A tradução do livro de Acevedo *et al.* (2011 [2010]) nos conecta a um amplo leque de pesquisas em escala mundial em torno das artes marciais chinesas, incluindo revistas acadêmicas especializadas no assunto, muitas delas disponíveis on-line³.

Felizmente, não podemos mais afirmar que há uma completa ausência de produção acadêmica sobre Kung Fu em língua nacional, apesar de estarmos cientes que ainda há muito que fazer nesse sentido. O fato é que, na situação atual, quem quiser pesquisar o tema já encontra alguma informação de reconhecida qualidade acadêmica produzida em nossa realidade. Quadro bem distinto do enfrentando pelos interessados no assunto em inícios da última década, conforme demonstrado.

2. A relação Kung Fu e Budismo à luz das pesquisas históricas

Nessa parte do artigo reforçaremos alguns aspectos já levantados nos trabalhos acadêmicos estrangeiros e brasileiros, produzidos na última década, sobre a relação entre a prática do Kung Fu e a tradição budista do mosteiro Shaolin. Voltar a essa questão ainda é um procedimento importante, uma vez que a maioria dos estilos de Kung Fu em voga continua procurando associar suas origens, de um modo ou de outro, ao mosteiro budista de Shaolin. Ao que parece, tal

procedimento pode ser compreendido em duas vias: primeiro, porque a teoria religiosa do budismo, que enfatiza a busca pela paz interior, vem com eficiência conter os excessos de violência que podem acompanhar o âmbito do treino marcial, preservando a integridade moral e física dos aprendizes; segundo, porque aquele mosteiro se tornou uma referência na China em relação à qualidade da habilidade desenvolvida pelos praticantes das artes marciais em seu interior. O referido mosteiro tem mais de 1.000 anos, o que faz com que muitos associem diretamente essa sua longevidade à da prática de artes marciais entre seus muros. Dessa sobreposição surgem alguns mal-entendidos que as pesquisas históricas recentemente têm nos esclarecido.

Uma informação ainda largamente disseminada para explicar a ligação entre o budismo e o Kung Fu é a de que Bodhidharma, monge indiano que no século VI levou o Budismo Chan para a China, seria um dos fundadores do templo Shaolin, além de mentor do desenvolvimento das artes marciais no interior daquela instituição. Meir Shahr (2008), pesquisador israelense que estudou sistematicamente a história daquele mosteiro, nos tem fornecido relevantes esclarecimentos a respeito das lendas que cercam Shaolin. Embora Bodhidharma tenha de fato passado pela região próxima de Shaolin, nas décadas iniciais dos anos 500, não há evidência alguma de sua atuação específica naquele mosteiro. Os primeiros registros escritos que falam da presença do monge indiano, guardadas nos arquivos da instituição, datam de quase duzentos anos depois de sua suposta passagem pelo mosteiro. Estudiosos têm apontado que o Bodhidharma esteve na cidade de Luoyang e em mosteiros mais próximos dessa localidade, mas não em Shaolin.

A ligação entre Bodhidharma e Shaolin parece ter sido forjada pelos próprios monges daquela instituição com o fim de justificar sua importância perante a

³ Dentre elas: a *Revista de Artes Marciales Asiaticas*, fundada e dirigida pelo próprio Acevedo, na Espanha; e as de língua inglesa: *Classical Fighting Arts*; *Journal of Asian Martial Arts*; e *Journal of Chinese Martial Studies*.

população. Ter abrigado, em seus primórdios, o próprio fundador do Budismo Chan era algo que enaltecia aquela agremiação monástica. A história foi sendo reafirmada em outros documentos produzidos nos séculos posteriores ao século VII, até ser construída, em 1125, uma estátua de Bodhidharma em um lugar especial do mosteiro. Nessa disputa sobre a memória, os monges Shaolin foram vitoriosos e conseguiram assegurar, com relativo sucesso, a versão de que Bodhidharma estaria associado aos mitos de fundação do Mosteiro. A ideia de que Bodhidharma tivesse ensinado exercícios marciais aos monges Shaolin, no entanto, não aparece em nenhum desses documentos, produzidos pelos internos séculos depois da suposta passagem daquele monge na instituição.

Shahar (2008), apoiado em sólida bibliografia e pesquisa documental, demonstra que a imagem de Bodhidharma só foi associada aos exercícios marciais praticados em Shaolin séculos mais tarde, mais precisamente no ano de 1624, com o advento de um texto que se tornou um clássico intitulado *Metamorfose dos Tendões*. Como era comum na China, antes do século XIX, muitos escritores forjavam autorias mais antigas e autorizadas no imaginário popular para divulgarem ideias nas quais acreditavam e queriam disseminar; esse é o caso da *Metamorfose dos Tendões*. Escrito por um monge taoista chamado Zongheng em 1624, para dar maior credibilidade ao texto, ele desloca a autoria do livro a Bodhidharma, que viveu mil anos antes. Zongheng também forja comentários ao próprio texto que teriam sido feitos por generais famosos que viveram séculos antes, mais uma vez procurando inspirar um acréscimo de autenticidade à sua obra.

Essa obra foi intensamente divulgada nos séculos posteriores, o que acabou fazendo com que cada vez mais fosse se consolidando a versão de que Bodhidharma já carregasse consigo as

raízes marciais sistematicamente praticadas por budistas de alguns mosteiros como o de Shaolin somente a partir dos séculos XIV e X⁴ – quase mil anos depois de Bodhidharma. Os monges Shaolin, que até então não utilizavam a figura de Bodhidharma como justificadora de suas práticas marciais também “adotaram” essa versão que parecia trazer maior legitimidade à prática marcial num recinto onde deveria reinar a paz. Antes de fazerem essa associação entre Bodhidharma e marcialidade, os monges Shaolin utilizavam a figura sagrada de Jinnaluo ou *Vajrapani*, bodhisattva protetor de Buda, como legitimadora do cultivo de suas forças para fins de proteção.

Na verdade, a *Metamorfose dos Tendões* (1624) é um documento que nos deve chamar atenção não só porque esclarece essa contenda história concernente à relação de Bodhidharma com a arte marcial praticada no mosteiro Shaolin, mas também porque ela parece registrar uma clara tentativa de organizar a multiplicidade de experiências e instâncias envolvidas com os exercícios marciais na China naquele século XVII. Zongheng, verdadeiro autor da obra, produz uma versão escrita que se esforça por articular, em um mesmo conteúdo-prático, a mitologia budista, a ginástica taoista (*dao yin*) e a utopia militar de um corpo invulnerável.

3. Os diferentes percursos históricos de práticas aglutinadas atualmente sob a nomenclatura de Kung Fu

⁴ Muito antes disso, integrantes desse mosteiro participaram esporadicamente na defesa do território chinês contra invasores no século VII, na dinastia Tang, ao que parece sem nenhum treinamento militar prévio. Outros monges que participaram com maior frequência de conflitos armados foram os do mosteiro de Wutai, entre os séculos X e XIII (Cf. Acevedo *et al.*, 2011, p.51-53).

Se, como vimos, o surgimento do Kung Fu não pode ser explicado apenas pelo retorno histórico ao mosteiro Shaolin, procuraremos aqui, dentro dos limites desse artigo, traçar em linhas gerais as histórias diversas das diferentes práticas que foram se associando ao cultivo das habilidades marciais na China ao longo dos séculos. Essa diversidade ainda não foi trabalhada de maneira suficiente em nossa recente produção, sendo esse um dos principais motivos que nos anima a realizar tal abordagem, mesmo que bastante rápida, nesse momento do texto.

Defendemos no tópico anterior que o clássico da *Metamorfose dos Tendões* (1624) pode ser lido como uma espécie de resumo de seu contexto histórico em termos de cultura marcial (século XVII), já que parece expressar a multiplicidade de referências que foi se sobrepondo ou se acumulando à prática de artes marciais na China, ao longo de sua história até aquele momento. Boa parte dessa multiplicidade revelada no conteúdo dessa obra ainda permanece em estilos de Kung Fu praticados atualmente.

Mais de cem anos antes dessa publicação, os monges budistas de Shaolin já eram reconhecidos em várias regiões do país por sua excelência em exercícios marciais, ao que parece desenvolvidos com a finalidade de proteção contra as constantes ameaças de invasões estrangeiras. Daí a presença do budismo no referido livro. É razoável considerar a possibilidade de que a intensa busca por aperfeiçoamento que marca o budismo⁵, assim como a disciplina que rege o cotidiano dos integrantes dos mosteiros, tenham sido fatores decisivos para o

⁵ Como Monteiro (2011) tem afirmado, a impressão comum de que o budismo é uma religião intuitiva e pouco intelectualizada é bastante errônea. A busca pelo conhecimento é uma das principais marcas dessa religião, busca que se espraia para todos os campos possíveis da experiência humana: exploram reflexivamente desde o intelecto até as fronteiras das experiências sensoriais e corporais.

sucesso marcial de seus membros a partir do século XV.

Por outro lado, conforme já dito, o referido texto seiscentista também faz menção ao *dao yin*, ginástica taoista praticada na China havia muito mais tempo. Ao que parece, ela esteve articulada à marcialidade desde suas origens, conforme sugere uma pintura em seda, produzida entre 206 a.C. – 24 d.C., mas somente encontrada em 1973, onde podemos ver 44 imagens de pessoas realizando exercícios com e sem armas.

Essas figuras são acompanhadas por uma breve descrição, a qual sugere que podem estar imitando diferentes animais, como o urso, a cegonha, o macaco, o falcão, a águia, o dragão, etc. Alguns dos exercícios ilustrados são alongamento, flexões de joelho, flexões laterais e rotações de tronco, saltos e exercícios respiratórios. A arma que algumas das figuras parecem mostrar é o bastão longo (*gun*). (Acevedo, Gutiérrez & Cheung, 2011, p.29)

Gewu Kang (1995) nos revela ainda que homens e mulheres de classes abastadas praticaram esses exercícios marciais ligados ao taoísmo para manter a saúde desde pelo menos os primeiros séculos depois de Cristo. Estamos, portanto, diante de outra face importante da história que nos leva a compreender a cultura marcial acumulada no contexto de produção da *Metamorfose dos Tendões* (1624). Acúmulo que também nos esclarece sobre a configuração atual do Kung Fu tal qual o temos concebido e praticado nos inícios do século XXI. Práticas taoistas também estiveram nas origens do que muito mais tarde viemos a denominar de Kung Fu.

O terceiro aspecto, e talvez mais importante por conta da abrangência de sua influência, que também se faz presente na *Metamorfose dos Tendões* (1624), é o que diz respeito aos interesses marciais. Esse livro, como já dissemos, propunha uma fórmula que prometia a invulnerabilidade ao praticante no caso de ser agredido com

alguma arma – e é essa a situação considerada no horizonte de possibilidade.

Uma das principais marcas da história da China é a forte presença dos conflitos internos e invasões estrangeiras. A constante situação de alerta vivida pela população chinesa ao longo de séculos pode nos ajudar a compreender a busca reiterada pela referência marcial em diversas de suas práticas cotidianas, inclusive nas próprias tradições religiosas que se desenvolveram em seu território – como são os casos do budismo e do taosimo –, nos exercícios de promoção de saúde (imitação de animais e respirações), e também nos de lazer (esportes e danças).

Nos primórdios da Era cristã os chineses já praticavam lutas como competições esportivas, associadas ao entretenimento, dentre elas o *jiao di*, mais antiga, e o *shou bo* (Henning, 2006; 2009; Kang, 1995). O *jiao di* consistia numa luta corporal desarmada focada em projeção. O *shou bo* também era um combate desarmado, mas trazia a possibilidade do uso de chutes, socos e torções. Centenas de anos mais tarde, mais precisamente no século XIII, os exércitos ainda praticavam essas modalidades com intuito de treinamento, embora sob outras nomenclaturas. O *jiao di* passava a ser *xiang pu* e o que consistia no antigo *shou bo* parece ter sido denominado de *shiquan*, e também de *gongci zhi*. O *taolu*⁶, rotina de treinamento solitário, ou luta imaginária, também já era praticado pelos soldados do período sob o nome de *da tao zi*.

Acevedo, Gutiérrez & Cheung (2011 [2010]) ressaltam ainda a forte relação que se estabeleceu entre o universo

marcial e o das danças e espetáculos durante a Dinastia Tang (618-907):

É o caso da dança do leão, em que o executor se debruçava sobre o fio de uma espada, enquanto outro subia nele tocando uma flauta, ou exibições em que o executor recostava em um espeto gigante e girava sobre sua ponta, ou ainda em que caminhava sobre o fio de várias espadas. Essas práticas foram incluídas em muitas apresentações modernas de estilo marcial, supondo que por meio delas se possa refletir e dominar a energia interna ou *qi*. Dentro desse contexto festivo, também eram realizadas danças (*jiyue*) com espadas, cujo expoente mais famoso foi a conhecida dama Gong Sun (700-756), que realizava graciosos movimentos com a espada e um belo acompanhamento musical.

(Acevedo, Gutiérrez & Cheung, 2011, p.32-33)

Esportes, treinamentos dos exércitos, danças, apresentações teatralizadas, exercícios para o bem-estar e autoconhecimento, disciplina monástica, teoria budistas e taoistas... Essas são algumas das multifaces assumidas pela cultura marcial ao longo da longa história da China. Portanto, mesmo que possamos alcançar um rico nível de detalhamento historiográfico em relação às trajetórias específicas dos estilos de Kung Fu praticados atualmente, é preciso reconhecer que todos eles dialogam(ram), de uma forma ou de outra, com esse rico e plural legado histórico.

4. Questões postas para as futuras pesquisas sobre o Kung Fu

Partindo do pressuposto de que o espaço para o Kung Fu no universo acadêmico brasileiro já foi conquistado, e que ele parece estar em fase de expansão, conforme demonstrado no início do texto, concluiremos esse artigo apresentando alguns pontos que talvez possam contribuir para enriquecer nossa produção vindoura

⁶ A nomenclatura mais usada pelos praticantes de Kung Fu no Brasil atual para o *taolu* é Kati, talvez pela identificação com as rotinas realizadas no Karatê, que são designadas por *Kata*. As artes marciais japonesas chegam com mais força em nosso país, e no ocidente de maneira geral, com bastante antecedência em relação às chinesas (Apolloni, 2004a).

sobre tal temática, em termos de diversificação e aprofundamento⁷.

1 – Nossa abordagem da teoria e história de religiões como o budismo e o taoísmo deve ser muito mais aprofundada e rigorosa, já que estão na base de muitos aspectos da cultura chinesa e dos diversos estilos de Kung Fu existentes hoje. Para que isso aconteça é preciso haver um reforço em nossa disponibilidade para vencer o “verniz” de exotismo e dificuldade com que tradicionalmente nos são apresentados os caracteres chineses. A carência dessa disponibilidade parece ser mais séria do que podemos imaginar, já que atinge inclusive nossa diplomacia. Nesse sentido o pesquisador Tom Dwyer (2012, p.22-23), membro do instigante Grupo de Estudos Brasil-China, fundado na última década e ligado ao Centro de Estudos Avançados da Unicamp, se pergunta estupefato:

Por que a grande maioria dos diplomatas e jornalistas [brasileiros] não aprende a língua [chinesa], enquanto seus pares chineses no Brasil aprenderam o português? A resposta não pode ser que a língua é difícil porque jornalistas e diplomatas de outros países, desenvolvidos ou não, aprendem.

O que precisa ficar claro é que a capacidade de produzir uma visão adequada às necessidades do Brasil, tanto no Itamaraty, quanto na imprensa, é reduzida por causa desta falta de qualificação. Quase todos meus interlocutores na China fizeram esta observação.

Somente quando passarmos a dominar melhor esse idioma teremos acesso qualificado aos documentos históricos originais, às releituras e às traduções feitas,

⁷ Gostaríamos de deixar claro que os pontos enumerados são também um desafio futuro para o próprio autor desse artigo.

em momentos específicos da história oriental, que nos permitirão ver os atos de fala de distintos sujeitos agindo, sobre as tradições que lhes chegavam, de acordo com as questões postas para cada tempo⁸.

2 – Precisamos desenvolver uma reflexão mais sistemática também sobre outros estilos de Kung Fu praticados no Brasil, para além do *Shaolin do Norte*, o mais bem estudado até o momento. Existem não só outros estilos “tradicionais” vindos da China sendo treinados no Brasil, como também alguns que surgiram em nosso próprio solo, considerados por muitos praticantes de estilos consolidados há mais tempo como sendo “menores”. É preciso conhecer melhor a diversidade do Kung Fu no Brasil.

3 – Seria interessante que o Kung Fu se tornasse fonte de reflexão não só dos pesquisadores das disciplinas acadêmicas que até então têm se debruçado sobre ele, indicadas no início do artigo, mas também dos que estão na área da Educação e da História da Educação, de modo mais específico. Depois do que foi exposto, fica claro que o Kung Fu se trata de uma prática educativa que é também corporal, mas que não se resume a tal dimensão da experiência. Diz respeito à educação em seus aspectos mais amplos possíveis, inclusive no âmbito da formação dos sentidos e sensibilidades (Oliveira, 2012).

⁸ Exemplo interessantíssimo desse tipo de abordagem pode ser visto em recente trabalho publicado por Monteiro (2011). Consideramos importante demarcar aqui que a trajetória de conhecimento desse brasileiro, Joaquim Antônio Bernardes de Carneiro Monteiro, pode ser fonte de inspiração para nossas novas gerações de pesquisadores por conta de seu empenho em se enveredar pelas línguas e pensamentos orientais. Sua busca o levou a se tornar Doutor em filosofia budista pela Universidade de Komazawa, Tóquio, Japão. Inclusive a maioria de suas muitas publicações está no idioma japonês.

4 – As pesquisas sobre o Kung Fu poderão se beneficiar bastante se incorporarem os avanços alcançados pelos estudos de gênero em escala mundial e na realidade brasileira. Em contrapartida, também poderão trazer novas questões para os campos de pesquisas que têm enfatizado as relações de gênero. Isso implica em dedicarmos atenção não só à construção das identidades femininas, como bem o fez Apolloni (2004b), mas também, e talvez principalmente, aos modos de ser masculino que estão em jogo no universo simbólico-prático do Kung-Fu, já que boa parte dos estilos são, em geral, procurados por jovens do sexo masculino⁹.

A própria reflexão feminista há mais de duas décadas tem enfatizado essa necessidade de maiores informações também sobre a construção das identidades masculinas:

Penso que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres, e que não deveríamos tratar somente do sexo sujeitado, assim como um historiador de classe não pode fixar seu olhar apenas sobre os camponeses. Nosso objetivo é compreender a importância *dos sexos*, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, é

⁹ Um interessante artigo publicado no ano passado tratou sobre a relação entre a prática do Kung Fu e a contenção de impulsos violentos do ser humano (Cf. Mocarzel, Ferreira & Sá Ferreira *et al.*, 2012), entretanto deixou de discutir a importante constatação de que as estatísticas de crimes violentos no Brasil não “têm cor, idade ou classe social, mas tem sexo. São sempre os homens que definem as curvas e os registros de violência” (Nolasco, 2003). Portanto, uma maior discussão sobre a condição masculina em nosso país é importante também por conta de um possível impacto na diminuição das altas estatísticas de violência, do mesmo modo que o próprio Kung Fu, conforme defendem Mocarzel, Ferreira & Sá Ferreira *et al.* (2012).

encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la.

(Davis *apud* Scott, 1995 [1988], p. 72)

No Brasil, Rosely Gomes Costa (2002, p. 227), se posiciona de maneira muito semelhante à postura assumida pelas autoras norte-americanas supra-citadas em relação ao tema:

A escolha de determinados sujeitos de investigação (homens ou mulheres, homens e mulheres) não interfere, do meu ponto de vista, na perspectiva relacional analítica que se deve adotar. Nesse sentido, a crítica feminista estaria criando outro tipo de viés ao não incorporar os homens em seus estudos, contribuindo na produção de uma percepção, ao meu ver equivocada, de mundos – masculino e feminino – separados, que não se relacionam.

(Costa, 2002, p. 227)

5 – Por último poderíamos destacar a necessidade de estabelecermos e consolidarmos, na realidade das universidades brasileiras, os departamentos de estudos asiáticos, tais quais existem em muitas universidades da América do Norte e Europa. Muitos dos bons trabalhos de língua inglesa sobre artes marciais chinesas, aos quais temos acesso, são produzidos nesses departamentos. A existência desses setores universitários possibilita o surgimento de pesquisadores especialistas mais qualificados para discutirem esse tema em nosso país.

No atual contexto brasileiro, podemos ressaltar a iniciativa louvável para suprir essa carência, por parte da Unicamp na última década, de criação do Grupo de Estudos Brasil-China, ligado ao Centro de Estudos Avançados daquela instituição de ensino superior, conforme já mencionamos anteriormente.

Referências Bibliográficas

Acevedo W, Gutiérrez C & Cheung M. Breve História do Kung Fu. São Paulo: Madras, 2011 [2010].

Aguiar J O. Literatura Wushia, Budismo, marcialidade e ascese: da arte da guerra à historiografia sobre o mosteiro de Shaolin. Antíteses, vol. 2, n. 4, jul.-dez. de 2009, pp. 599-619.

Apolloni R W. Shaolin à brasileira: estudo sobre a presença e a transformação de elementos religiosos orientais no kung fu praticado no Brasil. PUC-SP: São Paulo, 2004a (Dissertação de Mestrado).

_____. Eu Sou a Invencível Deusa da Espada – A Representação da Mulher na "Cultura Marcial" Chinesa e seus Possíveis Reflexos sobre as Relações de Gênero. Revista de Estudos da Religião, Nº 1 / 2004b / pp. 71-90.

Apolloni R W & Aguiar J O. Budismo, Marcialidade e Legitimação da Violência: o Kung Fu e as disputas historiográficas sobre o mosteiro de Shaolin. Projeto História, São Paulo, n.37, p. 261-278, dez. 2008.

Costa R G. Mediando oposições: sobre as críticas aos estudos de masculinidades. p.213-241. In: Almeida, H et al. (Orgs.). Gênero em matizes. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

Dwyer T. A China e o Brasil: Mudanças e desafios para a Sociologia brasileira. Conferência proferida na Unicamp em 15/03/2012. Texto disponível: http://www.gr.unicamp.br/ceav/content/ev-entos_seminariochinatpdwyer.php

Frosi T O, Maidana W & Mazo J Z. Os primórdios da prática do Wu-Shu/Kung Fu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (décadas de 1970-1990). R. da Educação Física/UEM Maringá, v. 22, n. 3, p. 387-397, 3. trim. 2011.

Henning S E. Thoughts on the Origins and Transmission to Okinawa of Yongchun Boxing. Classical Fighting Arts, 2 (15), 2009, p.42-47.

_____. What's in a Name, the Etymology of Chinese Boxing. Journal of Asian Martial Arts, 10 (4), 2006, p.8-19.

_____. Southern Fists & Northern Legs, The Geography of Chinese Boxing. Journal of Asian Martial Arts, 7(3), 1998, p.24-31.

Kang G. The spring and autumn of chinese martial arts, 5000 years. Califórnia: Plum Publications, 1995.

Mocarzel R C S, Ferreira M M, Sá Ferreira A de & Silva C A F. Violência e fair-play no meio esportivo: o caso do Kung-Fu. Corpus et Scientia. Rio de Janeiro v. 8, n. 2, p. 109-124, out. 2012.

Monteiro J A B C. Estudo da Influência Indiana na Moderna Filosofia Chinesa, Centrado na Análise das Traduções Chinesas do AbhidharmaKośa. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 197-218. 2011.

Nolasco, Sócrates. Marc Lépine: violência e masculinidade no contemporâneo. Revista da ABECAN: Belo Horizonte, v.1, n.3, 2003.

Oliveira, M A T (Org). Sentidos e Sensibilidades: sua educação na história. Curitiba: Ed. UFPR, 2012.

Scott, J W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. P.71-101 In: Educação e Realidade. Porto Alegre. V.20, n.2. jul/dez 1995.

Shahar, M. The Shaolin monastery history, religion and the Chinese martial arts. Honolulu: University of Hawaii Press, 2008.

Sobre o autor:

Pós-doutor em História da Educação –
UFMG. Professor da Universidade Federal
da Paraíba – UFPB.

E-mail: matheusczica@gmail.com